

# **NARRATIVAS TENSAS: CONVERSANDO SOBRE FRONTEIRAS COM AGENTES PRISIONAIS**

*ADRIANA REZENDE FARIA TAETS*

*MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL*

*UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO*

## *INTRODUÇÃO*

Assim como o dito popular diz que se não existissem doentes não haveria a necessidade de médicos, não existiriam agentes de segurança penitenciária se não houvesse presos. Da mesma forma como o réu é a peça chave para a existência da instituição do Tribunal do Júri – mesmo que durante o julgamento ele permaneça silenciado e sem poder de expressão<sup>1</sup> – o preso é quem dá sabor e existência ao sistema penitenciário. Todos os profissionais que ali trabalham existem pelo simples fato de que algumas pessoas foram presas e é preciso criar uma estrutura capaz de mantê-las cativas.

A administração dos presídios no estado de São Paulo sofreu diversas mudanças nos últimos 40 anos: desde a criação do sistema penitenciário paulista, em 1982, até o ano de 1991, a administração dos presídios era subordinada à Secretaria de Justiça. Em março de 1991 essa responsabilidade foi transferida para a Secretaria de Segurança Pública, com quem ficou até dezembro do ano seguinte. Com o entendimento de que o sistema penitenciário deveria receber tratamento especial e independente, o Governo do Estado criou, em janeiro de 1993, a Secretaria de Administração Penitenciária, que seria então o órgão responsável por administrar todo o sistema no estado.

A criação de uma secretaria própria para a administração penitenciária não parece ser o caminho mais comum para se tratar dos assuntos carcerários. Na maioria dos estados tais assuntos encontram-se sob a responsabilidade de secretarias mais amplas, como no estado de Minas Gerais, em que o sistema penitenciário é alocado em uma subsecretaria subordinada à Secretaria de Estado de Defesa Social, onde também se encontram

---

<sup>1</sup> Para uma discussão aprofundada sobre o papel e a relevância do réu para a instituição do Júri, ver SCHRITZMEYER, 2001.

subordinados os assuntos referentes à segurança pública e a Subsecretaria de Atendimento às Medidas Sócio Educativas.

Essas diferenças podem indicar maneiras diversas de perceber a pessoa presa e suas necessidades. Certamente que São Paulo é o estado com o maior número de pessoas encarceradas no Brasil<sup>2</sup>, contando também com o maior número de estabelecimentos prisionais. Com um sistema prisional de tal amplitude torna-se evidente a necessidade de uma secretaria independente para tratar de tais assuntos. No entanto, essas mudanças que poderiam ser tratadas como consequências naturais do desenvolvimento do sistema no estado não são percebidas desta maneira pelas pessoas que são alocadas nesta secretaria.

Nas falas das agentes penitenciárias com quem tenho convivido no decorrer da pesquisa é possível perceber certas críticas quanto à criação da Secretaria de Administração Penitenciária. Por se tratar de guardas mais velhas, foi possível aprofundar com elas os sentidos diversos trazidos para a experiência profissional a partir das mudanças vivenciadas a cada modificação das secretarias. Para além do discurso oficial de que é preciso cuidar do preso com dignidade e respeito – e por isso a criação de uma secretaria independente e autônoma – a percepção de tais guardas volta-se antes para um jogo de empurra-empurra, em que ninguém quer se responsabilizar pelas pessoas presas, que são, antes de mais nada, esquecidas pela população como um todo.

No entanto, a cada mudança de secretaria, é possível perceber uma mudança no status dos funcionários do sistema penitenciário. Enquanto a administração dos presídios estava subordinada à Secretaria de Justiça, os agentes e as agentes penitenciárias faziam parte da “Justiça”, e podiam se igualar a promotores e juizes. A partir do momento em que passam a fazer parte da Secretaria de Segurança Pública eles assumem para si o mesmo status dos policiais, e são, assim como eles, responsáveis pela “segurança”. Quando finalmente é criada a Secretaria de Administração Penitenciária eles se tornam simplesmente guardas, e não possuem outro status que aquele que os liga diretamente aos presos. Não são mais parte da justiça. Não contribuem mais para a segurança. Agora eles apenas cuidam dos presos.

---

<sup>2</sup> Segundo dados do DEPEN ([www.mj.gov.br](http://www.mj.gov.br)), em 2008, o estado de São Paulo contava com uma população de cerca de 145 mil detentos, distribuídos em 148 unidades prisionais.

A partir deste breve histórico sobre o sistema penitenciário paulista, é possível perceber que é o preso o personagem principal da trama que envolve todas as prisões paulistas, e que todos os demais personagens do sistema estão ligados a ele de forma funcional. Sendo assim, é para o preso que se voltam as atenções quando entram em cena denúncias contra a opressão do sistema: pesquisas e ações que levam em conta a realidade do sistema prisional têm – assim como as políticas voltadas para o setor – o preso como seu objeto privilegiado<sup>3</sup>. A preocupação por parte de organismos internacionais quanto aos direitos humanos dos presos é um bom exemplo da forma como o preso mantém a centralidade no sistema prisional: mesmo que existam diversos atores atuando no sistema prisional, é somente para o preso que se olha quando se procura denunciar a irracionalidade da instituição prisional.

É nessa direção que encontro as pistas para entender a escassez de pesquisas acadêmicas que levem em conta o agente de segurança penitenciário. Frente aos inúmeros estudos que têm como objeto as pessoas presas em suas diversas possibilidades de pesquisa, são raríssimos os estudos que tomam como foco a profissão de agentes penitenciários, e dentre esses, não pude encontrar nenhum que se voltasse para as experiências profissionais de agentes penitenciárias femininas.

Ao iniciar a minha pesquisa tinha em mente que gostaria de saber das agentes prisionais a sua trajetória profissional. Por isso, pedia a elas que me contassem como se deu a sua inserção no sistema, como foram os primeiros anos, e assim por diante até chegarmos aos dias atuais. Um incentivo meu para que as agentes construíssem uma narrativa linear ajudou para que se criasse um ponto de partida e uma linha de raciocínio para os nossos encontros. Pedir a elas que me contassem a primeira semana que trabalharam nos presídios mostrou-se uma ótima estratégia para começar a puxar os fios de uma história que certamente no momento seguinte já me surpreenderia.

E as surpresas foram enormes. Já na primeira conversa com Solange – uma dessas mulheres que sentou comigo por horas e horas em uma lanchonete de São Paulo, por meses seguidos, e me contou sua história – o meu primeiro engano: enquanto eu teimava em conduzir a conversa sobre suas experiências profissionais, ela, por sua vez,

---

<sup>3</sup> Mesmo no site da Secretaria de Administração Penitenciária ([www.sap.sp.gov.br](http://www.sap.sp.gov.br)) são pouquíssimas as informações disponíveis sobre os funcionários do sistema prisional de São Paulo. O público alvo do site parece ser o familiar do preso, que certamente acessa o site em busca de informações sobre o funcionamento do sistema.

insistia em me contar histórias sobre presas. Eu voltava, tentava puxar de novo os fios para a sua experiência profissional, e por fim me irritava com a sua insistência em contar coisas sobre outras pessoas.

Ao ouvir, depois, a gravação de nossa conversa, percebi minha primeira falta de atenção etnográfica: para dizer de si, de sua experiência, Solange usava as histórias das mulheres com as quais trabalhava. Percebi ainda que a estratégia de pedir a ela que me contasse um período de sua vida seria mesmo apenas um ponto de partida para que ela começasse a falar de si, e quase não é preciso dizer que nunca conseguimos terminar uma conversa fechando um período de sua vida, como havíamos proposto no início.

E certamente as conversas não terão fim. Uma história puxa outra, uma outra e outra ainda depois. Há tantas coisas a se lembrar, e outras a se contar, que o trabalho parece eterno. Em meio a tantas histórias narradas, procurei então prestar atenção naquelas que pareciam ser carregadas de tensões: seja porque nos faziam rir, ou porque escorriam algumas lágrimas, ou ainda porque me apontavam, a partir da sombra de toda a bibliografia estudada, para conexões e relações diversas que poderiam me indicar caminhos de construção de identidades, ou ambiguidades que revelariam uma trajetória marcada pelo trânsito por esferas distintas, ou ainda, para temas caros à antropologia, como a relação entre liberdade e moral, pureza e contágio, culpa e punição, experiência e segregação.

#### *Falando sobre as histórias de Solange*

Para Benjamin (1985), a história não é capaz de conhecer o passado como ele de fato foi, o que resta são apenas lampejos, reminiscências que brilham no momento do perigo. Essa imagem descreve bem a narrativa que Solange construiu para me contar a sua história. A sua narrativa se parece com um esforço em catar os fragmentos que ficaram esquecidos no correr dos anos, para então dar a eles algum sentido, alguma coerência. Em muitos momentos ela parece se esquecer da sua plateia, como um ator em um monólogo: interpretando o texto para compreendê-lo ao mesmo tempo em que o interpreta para que alguém o ouça.

“O que eu vou te contar não é a minha história, mas a minha interpretação da minha história”. Foi assim que a nossa conversa começou. Apesar de alguns esforços meus para compreender o encadeamento dos acontecimentos, foi Solange quem escolheu o

rumo da conversa. Foi ela quem decidiu começar contando sua história pelos primeiros anos no sistema penitenciário, em uma tentativa de narrar a maneira como ela foi sendo modificada pela vivência dentro dos presídios. Apesar de todas as nossas conversas começarem com um objetivo específico, em uma busca por algum tipo de linearidade, quase nunca chegamos ao fim daquilo que nos propomos no início. As conversas tomavam outros rumos, e foi assim que pude ir percebendo os lampejos da experiência de Solange, aquilo que vinha à tona quando ela se esquecia que eu estava ali, ouvindo e tentando imaginar as imagens que ela estaria vendo em sua memória.

Essa narrativa, fruto da interpretação que Solange faz sobre sua própria história é, sem dúvida, uma interpretação sobre o acúmulo de acontecimentos. É só agora, 20 anos depois, que Solange pode avaliar a sua vocação para o trabalho no sistema prisional. Certamente essa vocação foi construída ao longo dos anos – anos que geraram amadurecimento – e não estava presente lá no início da sua carreira. No entanto, ao olhar para as novas meninas que estão chegando para trabalhar no sistema, é notável o desconforto de Solange ao avaliar os interesses que as levam a tal profissão – interesses muito parecidos com os dela, há 20 anos.

A narrativa de Solange, ao buscar os fragmentos da sua experiência vivida, é cheia de agoras. É o agora que dá sentido a tais fragmentos. É o agora que permite que ela avalie a sua experiência e as opiniões que nutre sobre as outras pessoas. É o agora que faz com que a experiência no cárcere se revele como “surreal”. Assim como a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras” (BENJAMIN, 1985, p.230), a narrativa de Solange é uma memória carregada de “agoras”.

Os primeiros anos de Solange no sistema penitenciário são marcados pela proximidade com a morte. A primeira atividade que ela teve que exercer como guarda foi a escolta de uma presa que estava com câncer, em estado terminal. Os três primeiros meses de profissão foram cumpridos no hospital. Do lado de fora do sistema, a mãe de Solange também se encontrava com câncer, também em estado terminal. Nos dias de trabalho, Solange vigiava a presa, uma senhora já, ao mesmo tempo em que cuidava dela. Do lado de fora, nos dias em que não trabalhava, acompanhava o desenvolvimento da doença da mãe. Solange foi finalmente alocada para trabalhar dentro do presídio depois que a presa faleceu. As datas das duas mortes – da presa que Solange vigiava e cuidava, e da mãe – foram muito próximas.

Foi ali, então, no hospital, que as primeiras impressões de Solange quanto à profissão de agente penitenciária e suas consequências para a sua vida pessoal começaram a ser formadas. Desde ali ela não sabia bem se cuidava ou se vigiava a presa<sup>4</sup>. Desde ali a vida pessoal de Solange, com suas questões familiares, afetivas e sociais se misturam com a sua vida profissional. Desde ali o cárcere parece entrar na vida de Solange, ao mesmo tempo em que ela entra nele.

Quando Solange se volta para os primeiros anos de profissão parece identificar ali os sinais que a acompanhariam no decorrer de sua carreira: às vezes de forma discreta, noutras como uma crise violenta, Solange resiste aos apelos de diferenciação em relação às pessoas presas realizados pelo próprio sistema prisional sobre os guardas. A pergunta que Solange se faz quando reflete sobre suas atividades volta-se para aquilo que a faz diferente das presas que ela precisa vigiar. No que elas seriam diferentes? Solange sabe que também ela teve infância pobre, também ela cresceu e ainda vive na periferia. É como se o destino tivesse sido apenas irônico e hoje algumas mulheres estão do lado de lá das grades, presas, enquanto outras, como Solange, estão do lado de cá, com o poder de trancar as chaves em suas mãos. Se é assim, se tudo não passa de uma fatalidade, por que tratar as presas com violência ou desrespeito? Por que ser durona e não amável ou gentil?

No entanto, com o passar do tempo Solange vai aprendendo as regras do cárcere, não apenas aquelas que organizam as relações entre os presos e as presas entre si<sup>5</sup>, mas também aquelas que organizam as relações institucionais entre guardas e presas, o que geralmente não está escrito nos manuais, e mesmo que haja os conselhos das guardas mais antigas, só se aprende vivendo. Essa aprendizagem, no entanto, não transmite apenas regras de como agir diante das presas, mas principalmente informa o tipo de olhar que as guardas devem voltar para as detentas.

Essa aprendizagem volta-se para a construção da identidade das guardas enquanto guardas: há aqui uma afirmação voltada para a essência daquilo que as presas são e, por

---

<sup>4</sup> A ambiguidade entre a vigilância e a ressocialização presente na função dos agentes prisionais é algo bastante destacado na literatura que tem como objeto privilegiado a profissão de tais atores. Interessante notar como tal ambiguidade é colocada como um desafio para Solange já nos primeiros meses do exercício da profissão.

<sup>5</sup> Atualmente é possível encontrar uma gama de pesquisas que discutem a especificidade das relações existentes entre os presos e presas em um esforço voltado para as lógicas que organizam tais relações. Para tanto, ver MARQUES (2009), e PADOVANI (2010).

oposição, afirma-se também aquilo que as guardas não devem nunca ser. Por se tratar de grupos próximos e em constante relação, as afirmações acerca de um ou outro grupo – o que significa ser presa e o que significa ser guarda – remete a um jogo constante em que as identidades vão sendo construídas por meio de afirmações e oposições<sup>6</sup>. De acordo com as palavras de Solange, “o tempo todo você tem que se afirmar diferente, porque a todo o momento a cobrança em cima da postura do guarda é se comparar, é comparar ele com o preso. E uma guarda ser comparada com a presa é a pior ofensa”.

Estas disputas acerca das identidades acompanham toda a trajetória profissional de Solange, assumindo, em alguns momentos, características bastante dramáticas. A primeira delas se dá quando a AIDS chega ao sistema penitenciário e dizima parte da população encarcerada. Segundo Rozman (1995), estudos realizados com amostras populacionais de presídios paulistas apontam para uma incidência de 12,5% de infectados pelo HIV em 1987, sendo que uma nova pesquisa, realizada em 1992, tal índice chega a 18%. Neste momento é criado um discurso de pânico em que o preso e a presa são associados diretamente aos grupos de risco, portanto, para se proteger da contaminação é preciso, antes, se proteger dos presos e presas. Nesse sentido, as disputas de identidades apontam para uma diferenciação extrema entre agentes prisionais e pessoas presas, sendo preciso, então, que todo contato entre esses dois grupos seja mediado – por luvas, vidros, etc.<sup>7</sup>.

É interessante notar o esforço institucional voltado para o fortalecimento das identidades que estão em jogo no cárcere. No momento do ápice das mortes devidas ao HIV, especialistas são chamados para orientarem as guardas quanto aos procedimentos específicos para evitarem a contaminação. Como o próprio desenvolvimento da doença e as formas de contaminação não eram muito claros nem para a própria medicina, o melhor era se proteger das pessoas que oferecem risco. Qualquer contato poderia transmitir a doença. Na dúvida, era melhor se proteger.

---

<sup>6</sup> Goffman, 1999.

<sup>7</sup> Não vou me aprofundar aqui nas questões que envolveram a chegada do vírus HIV no sistema penitenciário e nas suas consequências para a saúde da população encarcerada. No entanto, é importante notar o quanto a crise resultante da chegada do vírus poder ser analisada pelo viés da contaminação moral com fortes consequências para as disputas que envolvem as construções de identidades. Para uma análise mais aprofundada sobre a presença do vírus HIV na população carcerária do estado de São Paulo, ver Rozman, 1995.

De acordo com os relatos de Solange, as relações dentro da Penitenciária Feminina da Capital – onde ela trabalhou nos seus primeiros anos de carreira – que antes eram mais próximas entre guardas e presas, tornaram-se mais distantes, e mesmo depois da crise passada, com o avanço das descobertas da medicina quanto ao HIV, as relações já haviam sido marcadas por esse distanciamento e necessidade de diferenciação entre guardas e presas.

O olhar voltado para as presas, no entanto, era marcado por certa ambiguidade. Ao mesmo tempo em que essas mulheres eram tidas como criminosas e, portanto, como aquelas que não mereciam mais o respeito de toda a sociedade (diferente dos homens presos, que ainda assim são respeitados pelas suas famílias, sendo assistidos por elas) por terem rompido com qualquer tipo de moral, as guardas, de certa forma, invejavam a “liberdade” das presas, já que, por terem rompido com qualquer moral, não deviam mais nada para ninguém. Segundo Solange, essas mulheres eram livres para escolher entre qualquer moral que lhes coubesse: “mas aí eu penso que aquelas mulheres elas já estavam fora, então, de todo o contexto de repressão. Embora estando reprimidas, no universo feminino elas estavam fora da repressão, porque elas se tornavam lésbicas ou não. Eu acho que a mulher tem uma moral aí que ela deve para a sociedade, a gente deve uma satisfação, e a presa já não deve mais nada pra ninguém”.

Diferente das guardas, que devem satisfação para muita gente – família, o próprio sistema, amigos, sociedade – a presa poderia ser quem ela quisesse: poderia se tornar lésbica, poderia dormir com outras mulheres sem se tornar lésbica, poderia viver sem cuidar da aparência ou de si, poderia viver falando palavrão. Todo o cuidado com a postura diante dos outros – o que era esperado das guardas – era algo ausente em relação às presas. Elas poderiam agir de acordo com a própria vontade, já que estavam sob completo abandono.

Esta disputa entre a liberdade moral das presas em contraposição a uma repressão moral sofrida pelas guardas pode ser mais bem avaliada a partir das discussões de Foucault (2005) sobre os costumes e regras sexuais como formas de um discurso positivo. Foucault rejeita a ideia da moralidade sexual enquanto uma forma de repressão, ao contrário, ele propõe uma análise que privilegia aquilo que tal discurso cria – aquilo que ele permite – organizando assim a experiência social. Nesse sentido, a liberdade sexual das presas – em contraposição à repressão sofrida pelas guardas – aponta para uma



segregação das detentas do próprio discurso: por não serem consideradas dignas de viver em sociedade, pouco importa no que consistem suas práticas sexuais. A liberdade, aqui, confunde-se com a inexistência do próprio sujeito. As guardas, por outro lado, ao se submeterem ao controle do discurso, são legitimadas como participantes da sociedade na qual se inserem. Voltarei a este tema mais a frente, quando tratar da leitura das cartas das presas pelas guardas.

Esta disputa acerca das identidades, quando o outro é colocado o tempo todo sob intensa avaliação (Goffman, 1999), torna-se muitas vezes um jogo perigoso. A extrema proximidade entre os dois grupos – guardas e presas – faz com que as trocas entre elas sejam constantes, e muitas vezes, apesar dos esforços de diferenciação, os grupos se tornam muito parecidos em alguns momentos. Solange, já socializada nessa lógica de aproximação e diferenciação entre guardas e presas, começa, então, a se diferenciar de outro grupo: as mulheres que não trabalham no sistema.

*“Que mulher eu sou?”: Quando as referências de Solange começam a mudar*

A partir da experiência vivida no cárcere, Solange começa a se perceber diferente das outras mulheres, principalmente aquelas que não conhecem a prisão. Essas mulheres, que nunca entraram em um presídio, começam a ser vistas como pessoas frescas, sem muita experiência na vida: elas são, para Solange, aquelas que “não sabem o que é viver”. E esse viver, segundo a experiência de Solange, é um dia a dia agora marcado pela aventura, pelo risco, pela proximidade da violência. A realidade vivida no presídio parece se tornar muito mais interessante e atraente, e mesmo fora do presídio são as situações de risco e violência que passam a ser valorizadas por Solange. É nesse período, ainda nos primeiros anos de profissão, que Solange se separa do primeiro marido e passa então a valorizar sua independência. Independência financeira, independência nas decisões, independência sexual.

A socialização vivenciada pelos agentes prisionais foi apontada por Chies (2001) como um processo de prisionalização dos agentes, quando é possível perceber nesses atores muitos dos sintomas presentes nos prisioneiros depois de certo tempo reclusos. Para este autor, os agentes prisionais, por passarem muito tempo da sua rotina também enclausurados, desenvolvem os mesmos sintomas, como síndrome do pânico, síndrome do emparedamento, desconfiança exagerada de todas as pessoas ao redor, agressividade, etc. A experiência relatada por Solange aponta para outras consequências vivenciadas

pelos agentes prisionais a partir da socialização profissional que experimentam no cárcere, diferentes daquelas apontadas por Chies. Nesse sentido, a noção de contágio e perigo, desenvolvida por Douglas (1976) aponta para uma experiência na qual aqueles indivíduos que se encontram nas fronteiras entre dois sistemas classificatórios distintos é vivenciada como uma situação de perigo, já que somatizam em sua experiência princípios muitas vezes antagônicos entre si.

Quando Solange se vê “engolida pelo sistema” e é então que ela avalia que virou um “bicho mesmo”. Esse movimento de incorporação do sistema prisional e da lógica da instituição – com sua violência, suas regras próprias, suas formas de avaliação da conduta das pessoas (um olhar treinado sobre o outro) – é algo que aponta para o perigo, de um lado, e para a coragem, de outro. A “verdadeira experiência de vida”, para Solange, era enfrentar situações de risco, e agora, depois de tantos anos passados, ela avalia: “eu acho que quando a gente perde o medo das coisas é mais perigoso”.

Neste período em que Solange se vê engolida pelo sistema – incorporando sua lógica e seus princípios – ela compra uma arma, já que começa a ter receio de andar desarmada pela rua. Nesse mesmo período, Solange adquire uma moto e tem suas primeiras experiências com o uso de drogas, assim como começa a se relacionar amorosamente com pessoas que, de alguma forma, também trabalham em instituições de controle.

É possível perceber que essa imagem construída por Solange, de ser engolida pelo sistema, não aponta apenas para as relações que ela tinha dentro do cárcere – sua forma de olhar para as presas e se relacionar com elas – mas também para a postura que agora ela mantinha fora do presídio, nas suas relações cotidianas com pessoas que não estavam diretamente envolvidas com o seu universo profissional. Nesse caso, é possível dizer que “ser engolida pelo sistema” é trazer a lógica que orienta as relações prisionais para fora dos muros do cárcere.

Ao tomar para si a lógica do sistema prisional, Solange não apenas conclui um período de socialização profissional, em que incorpora uma maneira específica de olhar para o mundo e se relacionar com ele, mas também toma para si alguns dos princípios que orientam a vida dentro deste universo. Ao trazer para fora do cárcere o tipo de relações que se dá dentro dele, Solange se encontra em um lugar perigoso, em que as fronteiras entre os dois universos – prisão e sociedade mais ampla – encontram-se diluídas: os

sistemas de classificação, para usar uma imagem trabalhada por Douglas, encontram-se na imanência de dissolução.

Esse movimento que faz com que Solange se reconheça como alguém que incorporou a lógica prisional – e as implicações de tal lógica para as relações pessoais – aponta para um tipo de interações sociais em que a experiência pessoal é valorizada em detrimento das experiências de todas as demais pessoas. Solange não se vê mais parecida com as presas – já que elas são as pessoas que erraram e por isso devem ser custodiadas – mas também não se identifica com as outras mulheres que não conhecem o sistema – essas, para Solange, são “frescas”. Começa a se delinear aí uma experiência singular, construída a partir da interligação entre dois universos que se mantêm separados um do outro: a presa não tem acesso à experiência das mulheres “frescas”, por sua vez, as “mulheres frescas” não têm acesso às experiências vividas pelas presas. Solange encontra-se nesse lugar perigoso de transição entre os dois mundos. Lugar de perigo e de poder.

As experiências que Solange vivenciou a partir do uso de drogas apontam para esse lugar perigoso da fronteira entre os dois universos: algumas mulheres que Solange vigiava estavam ali, presas, devido ao uso ou tráfico de drogas. Ela também fazia uso desses entorpecentes, no entanto, por representar o sistema prisional, por estar “do lado de cá”, ela avalia a sua experiência como diferente daquelas das presas: ela podia fazer uso de tais entorpecentes, já que ela estava no controle. O problema das presas, então, é que elas faziam uso dessas substâncias sem estar no controle, elas não eram respaldadas por um sistema forte, como era o caso de Solange.

No entanto, como deveria ser a postura de Solange ao fazer uma blitz nas celas e perceber a presença de drogas? Ela poderia castigar a presa pelo uso de uma substância que ela também usava? Se não castigasse, como ficaria a sua reputação de guarda diante do coletivo de presas? Ela poderia correr o risco de perder a autoridade?

O uso de drogas aproxima Solange do grupo das presas ao mesmo tempo em que traz uma consciência de que é diferente delas, já que ela representa um sistema forte, ela “está do lado de cá”, enquanto as outras estão do “lado de lá”, sem respaldo, e devem por isso arcar com as consequências dos seus atos. No entanto, ao perceber que as presas são passíveis de punição devido a atos que ela mesma realiza, Solange se sente abalada. Como punir? É possível não punir? Nesse momento, a narrativa de Solange

revela uma ruptura: a solução encontrada para os momentos em que ela apreendia maconha nas celas das presas era pedir para que elas comessem a droga. Assim ela não precisaria fazer um comunicado de evento – registrando a infração da presa e prejudicando o andamento da sua pena – ao mesmo tempo em que não perdia a autoridade frente aquele ato de indisciplina<sup>8</sup>. No final da sua explicação, Solange completa: “hoje isso parece surreal, você já imaginou pedir para alguém comer um cigarro de maconha? É surreal!”.

Nesse momento em que o jogo de identidades – em um movimento constante de diferenciação e aproximação entre guardas e presas – parece se tornar perigoso, Solange se sente vivenciando uma crise: não pensa mais em abandonar o sistema como aconteceu tantas vezes, mas muda a sua postura frente às diferenciações que faz entre si e os grupos que mantém contato. Ela fuma maconha pela última vez em sua casa quando perde um pouco a consciência e enxerga as grades das janelas de seu apartamento como grades de uma prisão. Depois desse momento marcado por tensões, em que Solange se vê igual às presas, ela nunca mais faz uso de nenhum tipo de droga: o olhar que Solange volta para as pessoas presas muda.

O segundo casamento de Solange aponta para uma primeira ruptura na sua trajetória. Acostumada a ser reconhecida como mulher forte e corajosa, colada, de alguma maneira, ao sistema prisional, ela se apaixona por um homem que não se interessa em nada pelo que acontece dentro do presídio. Nesse momento ela percebe que pode ser mais do que simples histórias sobre presas, brigas, drogas, fugas ou tiroteios. Ela que estava “engolida pelo sistema” se sente, de certa forma, resgatada pelo olhar deste homem que não quer saber das suas histórias de prisão.

No entanto, a prisão vem visitar a sua casa. Não apenas nos vícios adquiridos no dia a dia do presídio, mas também nas conversas entre os parentes – quase todos envolvidos com o sistema prisional. Nesse sentido, o marido – trabalhador no setor de vendas –

---

<sup>8</sup> Apesar da explicação oferecida por Solange para a ordem dada – obrigar a presa a comer o cigarro de maconha – apontar para uma experiência pessoal em que ela, como guarda e usuária de entorpecentes, não se sentia à vontade para realizar um comunicado de ofício e assim prejudicar o andamento da pena da presa, é possível encontrar explicações diversas para a mesma prática – que parece ser comum na relação entre guardas e detentos. Castro e Silva (2008) analisa os mesmos procedimentos em um presídio fluminense e aponta, a partir dos dados coletados, formas específicas de negociação entre guardas e presos a partir de uma lógica que valoriza as consequências imediatas de uma punição pautada na violência em detrimento de consequências a longo prazo, como é o caso das punições administrativas.

aparece, por um lado, como um espectador, ao mesmo tempo em que na sua relação com Solange garante a ela uma vida longe da lógica do presídio: longe das laranjas descascadas com a mão, longe das noites em que ela precisa dormir com coturno e ser acordada de um susto a qualquer momento, longe da necessidade de aventuras e riscos. O marido, para Solange, é aquele que garante que ela faça parte da sociedade livre, daqueles que não se aproximam do presídio, por nenhum dos dois lados. É ele quem garante que ela saia daquela margem perigosa que é estar no lugar onde o presídio e a sociedade livre se confundem.

Ao se recusar a perguntar para Solange como é o cotidiano dentro do presídio, o marido permite que ela retome uma experiência voltada para a reafirmação das fronteiras entre o cárcere e a sociedade mais ampla, e nesse sentido, garante que o sistema classificatório seja mantido – dividindo o cárcere do resto da sociedade – restaurando, assim, a experiência social de Solange<sup>9</sup>. Antes de se casar com o segundo marido, Solange relata que viveu diversas experiências afetivas que de alguma forma valorizavam o risco e a aventura. Era o seu lado forte, corajoso, cheio de vontade de enfrentar riscos o que era capaz de seduzir as pessoas. Suas qualidades femininas – aquilo que ela usava no jogo sedução – voltava-se ainda para a lógica do cárcere, onde tais atributos são valorizados. Quando conhece Antônio, Solange inicia um novo tipo de relação, em que as questões do cárcere não pautam os vínculos e muito menos os assuntos do cotidiano.

É significativo o fato de Solange se apaixonar por esse homem, um personagem alheio àquilo que ela valorizava em si, alheio aos territórios onde ela exercitava o risco e a força. Antônio, aos moldes do conceito de Douglas (1976), surge assim como aquele que restaura a experiência social de Solange ao permitir que ela reafirme a separação entre os dois universos.

### *Bibliografia*

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

---

<sup>9</sup> DOUGLAS, 1976.

BIONDI, Karina. Junto e misturado: imanência e transcendência no PCC. São Carlos: UFSC. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 2009.

CALDEIRA, Teresa. Cidade de Muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, 2000, Editora 34.

CASTRO E SILVA, Anderson Moraes. Nos braços da lei. O uso da violência negociada no interior das prisões. Rio de Janeiro, e+a, 2008.

CHIES, Luiz Antônio Bogo, (coordenador). **A prisionalização do agente penitenciário: um estudo sobre encarcerados sem pena**, Cadernos de Direito, Universidade Católica de Pelotas – Escola de Direito, Pelotas, 2001, EDUCAT.

CLIFFORD, J. A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro, 2008, Editora UFRJ, 3ª edição.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo, Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 1. A vontade de saber. São Paulo, Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir, Petrópolis, 1997, Editora Vozes.

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2005.

GINZBURG, Jaime. Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo. O eixo e a roda, v. 15, p. 43 a 54. 2007.

GODOI, Rafael. Ao redor e através da prisão: cartografias do dispositivo carcerário contemporâneo. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia, USP. 2010.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana, *Regiões e Comportamento Regional*, cap. III, Petrópolis, 1999, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. Manicômios, Conventos e Prisões. 7ª Edição, São Paulo, 2005, Perspectiva.

GREGORI, Maria Filomena. Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, 1995, p. 7-41.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. O discurso citado na construção do efeito de sentido de identidade em agentes de segurança penitenciária. In *Discurso & Sociedad*, Vol 2 (3), 2008, p. 475- 502.

LOURENÇO, Arlindo da Silva. O espaço de vida do agente de segurança penitenciária no cárcere: entre gaiolas, ratoeiras e aquários. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. USP, São Paulo, 2010.

MARQUES, Adalton. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 2009.

MORAES, Rodolfo Bodê de. Punição, encarceramento e construção de identidade profissional entre agentes penitenciários. São Paulo, 2005. IBCCRIM.

PADOVANI, Natália Corazza. Perpétuas espirais: falas do poder e do prazer sexual em trinar anos (1977-2009) da Penitenciária Feminina da Capital. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 2010.

ROZMAN, Mauro Abrahão. AIDS e tuberculose na Casa de Detenção de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, USP. 1995.

SALLA, Fernando. As rebeliões nas prisões: novos significados a partir da experiência brasileira, in **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul/dez 2006, pag. 274-307.

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: [www.sap.sp.gov.br](http://www.sap.sp.gov.br), acesso em 01/06/2011.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. Antropologia e educação em Direitos Humanos. Palestra proferida em 7/3/2008 no *Seminário Preparatório* para o IV Encontro Nacional da ANDHEP, Vitória / ES. Mesa-redonda *O que a antropologia tem a dizer sobre a educação em Direitos Humanos?*

\_\_\_\_\_. Controlando o poder de matar, *uma leitura antropológica do Tribunal do Júri – ritual lúdico e teatralizado*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

SILVA, Vagner Golçalves. O antropólogo e sua magia. São Paulo, Edusp, 2000.

TURNER, Victor. O Processo Ritual, estrutura e antiestrutura. Petrópolis, 1974, Editora Vozes.

VASCONCELOS, Ana Sílvia Furtado. A saúde sob custódia: um estudo sobre agentes de segurança penitenciária no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.